

**GIOVAN BATISTTA DELLA VALLE, ENTRE
ESTETAS DA GUERRA E SOLDADOS
HUMANISTAS?**

Luís Costa e Sousa

CHAM-Centro de Humanidades

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5998-2438>

O chamado “tratado de arquitetura” é, segundo Françoise Choay¹, um género que teve início com a publicação do “*De re aedificatoria*” de Leon Battista Alberti. Este texto definir-se-ia por cinco características: (1) ser organizado e apresentado como um “todo”; (2) possuir uma autoria definida, explicitada na primeira pessoa; (3) a autonomia da abordagem do autor, desvinculado de qualquer disciplina e tradição; (4) ter como principal objetivo a elaboração de princípios universais destinados ao ato criativo da Arquitetura; (5) e, finalmente, manifestar a intenção de estender estes princípios gerais a todas as atividades de ocupação do espaço, desde a casa individual à totalidade da urbe². Porém, o tratado de Alberti dificilmente consegue cumprir todos os requisitos, como a própria Choay o admite, para a terceira característica³. Ainda que, segundo esta autora, as regras

¹ CHOAY, Françoise — *The rule and the Model. On the Theory of Architecture and Urbanism*. Cambridge (Mass):MIT press, 1997 (p.16).

² CHOAY, *cit.*, p. 16.

³ CHOAY, *cit.*, p. 16.

utilitárias do “*savoir faire*” operativo de agrimensores, como a geometria euclidiana e matemática, servissem ulteriormente como a base de constituição de uma disciplina autónoma⁴.

A enumeração descritiva das regras operativas consiste num tema parcial desta *coisa da arquitetura*, que no limite se reduz às normas objetivas relacionadas com a realidade operativa da atividade de desenhar e construir edifícios. Porém, esta classificação valorativa não deverá reduzir a importância da fixação de um conjunto de regras fundamentais para compreendermos, nos dias de hoje, como os “arquitetos” – outra designação sujeita a debate ou, pelo menos, a uma clarificação contextualizada na época que tratamos – atuavam no plano operativo. O mesmo se poderá dizer quando nos debruçamos sobre a atividade bélica.

O número de textos que versam *a coisa da guerra* – nos sentidos amplo e estritos acima referidos – é extremamente significativo, se comparados com os textos dedicados à *coisa da edificação*, e atesta a importância da “tratadística” militar. Falando apenas dos impressos, porque no suporte manuscrito a realidade é impossível de contabilizar, podemos aferir que entre 1521 e 1630 foram ao prelo – e falamos apenas na Itália, foco da produção da tratadística quinhentista — 146 livros sobre *Arte militar*, contra 64 sobre *Arquitetura civil e militar*; Nesta mole de dezenas de títulos, a maioria (mais de meia centena) dedica-se a temas parciais, com a *Arte de esquadronar*, isto é, a construção da formatura de guerra ou parada⁵.

⁴ CHOAY, *cit.*, p. 16.

⁵ Cf. as listagens de COCKLE, Maurice — *A Bibliography of Military Books up to 1642*. London: Holland Press, 1978; ESPINO LÓPEZ, A. — *Guerra y cultura en la época moderna. La tratadística militar hispánica de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Ministerio de Defensa, 2001; e Luis Costa e Sousa — *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*. Lisboa: IESM, 2015.

Em todo o caso, encontramos dois aspetos comuns à esmagadora maioria dos textos, sejam “de re militari” ou “de re aedificatoria”: a articulação entre a tradição clássica e a realidade contemporânea. Esta é, talvez, outro fulcro da questão na tratadística, independentemente do âmbito conceptual ou operativo de cada texto isolado, como observa Angelo Poliziano no prólogo à notável reedição do *De re aedificatoria* de Alberti: Vitruvius diz como os edifícios *deveriam* ser construídos, enquanto Alberti determina como *deverão* ser construídos: “so Ancient and yet so new”⁶. É que a referência à guerra antiga, à tradição Clássica da Grécia e especialmente de Roma, esteve sempre presente no horizonte bélico da Europa como modelo de referência.

O ano de 1521 constituiu um marco fundamental na cronologia da produção da tratadística militar: publicaram-se os primeiros impressos originais sobre o tema da guerra. A publicação em 1521 dos textos de Niccolò Machiavelli e de Battista della Valle deu o mote para o formato de tratado, repetido ao longo do século. Machiavelli e Vallo traçaram a diferença entre o conhecimento prático do soldado profissional e o diletantismo intelectual dos teóricos humanistas, dando continuidade a uma distinção esboçada pela própria tradição Clássica: Políbio e Eliano eram historiadores, César um prático da guerra.

Esta articulação entre teoria e prática acompanhou o desenvolvimento da guerra de Quinhentos. Com o aparecimento dos primeiros paradigmas da escrita da guerra autonomizaram-se vários temas, que tomaram diversos nomes. Por exemplo, o confronto entre o conhecimento erudito da História da Antiguidade e a abordagem científica da guerra foi teorizado em finais de Quatrocentos com o título, *De precedentia doctoris vel militis*, e cuja versão italiana foi

⁶ ALBERTI, Leon Battista — *On the Art of Building in Ten Books*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1988.

traduzida por Domenico Mora (1570)⁷ sob o título, *Della precedenza dell'armi e delle lettere*. Battista della Valle dedicou os primeiros capítulos do seu tratado a este tema: *Della nobilita de lettere; Della nobilita della militia; Del contendere de litterati con militi; Del contendere del militi contra gli sapiente*. E muitos outros autores se referiram ainda a esta problemática, como Francesco Patrizzi (1594)⁸ ou Achille Tarducci (1600)⁹. O que transparece desta relação entre teoria e prática é o acompanhamento próximo que a primeira fez da segunda, porque às experimentações táticas seguia-se a reflexão teórica, expressa na forma escrita. O mesmo processo que se observou noutras áreas do conhecimento, sendo a arquitetura um dos casos mais emblemáticos e sobre o qual a historiografia de diversas disciplinas se tem debruçado recorrentemente.

Curiosamente, a tradição militar da Antiguidade manteve-se viva no plano específico da guerra designado como “a milícia”, constituindo mesmo a principal referência, paradigma, e objetivo último: alcançar a perfeição dos antigos — “on molti esempi nelle guerre moderne passate occorsi, et infiniti avvisi alla militia usitati et necessari”¹⁰, imitando a boa e útil ordem dos Romanos¹¹, são frases que se transfiguraram numa quase fórmula: “à imitación de

⁷ MORA, Domenico — *Il soldato. Nel quale si tratta di tutto quello che ad un vero soldato et nobil cavaliere si conviene sapere et esercitare nel mestiere dell'arme*. Veneza, 1569.

⁸ CHERSO, Francesco Patrizzi del — *La militia romana di Polibio, di Tito Livio i di Dionigi Alicarnaseo ... non solo darà altrui stupore de'suoi buoni ordini e disciplina, ma ancora in paragone farà chiaro quanto la moderna sai difettosa et imperfetta*. Ferrara, 1583.

⁹ TARDUCCI, Achille — *Delle machiene et quartieri antiche et moderni come quelli da questi possono essere imitati senza punto alterar ela soldatesca de'nostri tempi...*Veneza, 1600.

¹⁰ MIRANDOLA, Francesco — *Opera chiamata pratica et esperienza del guerreggiare moderno*. Modena, 1544.

¹¹ ALMEIDA Isidoro de — “Quarto livro das instruções militares”. In: MORAIS, A. Faria de — “Arte Militar Quinhentista”. Sep. do 2º v. do *Boletim do Arquivo Histórico-Militar*, 1953, p. 146.

las legiones Romanas”¹². Esta é a frase-chave que surge, quase invariavelmente, nos manuais militares do século XVI.

A influência Clássica, e em particular de Roma, manifestou-se em três vertentes distintas: o recrutamento, a disciplina, e a construção da formatura. Curiosamente, os primeiros impressos quinhentistas — “fundacionais” – completam-se na abordagem destes três pilares: Nicollò Machiavelli dedicou a atenção sobretudo ao primeiro ponto, que por sua vez é praticamente omitido por Giovan Battista Della Valle, cujos assuntos se encontram no plano do “savoir faire”, referido por Choay. Contudo, os primeiros textos que se seguiram ao crucial ano de 1521, como os *Dialogi* de Antonio Brucioli (1526), ou *De re militari* (1530) de Jacopo di Porcia (1462-1538), vincaram a ligação aos autores clássicos como Frontino e o seu *Stratagemata*. E, analisado o conteúdo, pouco acrescentam a Machiavelli. Portanto, é Della Valle que acaba por constituir uma exceção na escrita sobre a “coisa da guerra”, pelo menos neste início do “Cinquecento”.

Aquela que é, provavelmente, a primeira abordagem utilitária da tratadística militar saiu da mão de um espanhol. Em 1537, Diego Salazar protagonizou a rutura com o passado, ainda que sem o carácter revolucionário que o traçado angular representou para a paisagem fortificada da Europa dos séculos XV-XVI. Apesar da aparente continuidade, expressa no título da obra do espanhol, *Tratado de Re Militari* (1536), e no vínculo de conteúdo evidente ao texto maquiavélico, este espanhol veterano das guerras da Flandres reinterpretou a obra que lhe serviu de base: juntou-lhe a preciosa experiência vivida no campo de batalha, então em plena mutação. O texto final, embora com citações ou formulações óbvias ao modelo, não deixou de se distanciar

¹² LONDOÑO, Sancho de – *Discurso sobre la forma de reducir la disciplina Militar a mejor y ntíguo estado*. Madrid: Ministerio de Defensa, 1992, p.35.

significativamente da fonte de inspiração. Porém, mais do que assinalar o fim da era maquiavélica, estamos perante uma sobreposição ao texto inicial.

Menos clara é a influência do texto de Della Valle, pelo menos de uma forma assumida por Diego Salazar. O aspecto mais visível consiste no diagrama de transposição das ordens de marcha para o dispositivo de combate. Pese embora, não termos acesso a outros textos de referência da altura para além dos dois impressos publicados em 1521, nomeadamente manuscritos. Contudo, e apesar desta limitação, parece evidente que o capitão espanhol utilizou a gravura do italiano como base para elaborar uma descrição detalhada destas movimentações, parte essencial da organização militar no plano prático, associado diretamente ao campo batalha.

Um dos aspetos mais relevantes presentes no conteúdo do texto de Giovan Battista della Valle, e que o afasta decisivamente do texto de Machiavelli, é o tema da construção das formaturas militares: na nomenclatura da época, “ordenar os esquadrões”. Della Valle procedeu à descrição exaustiva das regras destinadas à vertente operacional da guerra, que posteriormente mereceu a atenção de numerosos autores quinhentistas. Estas matérias encontram-se expostas de forma atualizada, ao contrário do texto de Machiavelli. A descrição deste último, que trata do exército como entidade política, um pilar da consolidação do Estado, encontra-se desfasado da realidade tática que lhe era contemporânea.



Figura 1: Transposição marcha/batalha, Battista della Valle (ed. 1539, p.30v, BNP)

De um ponto de vista estritamente militar, o tratado de Della Valle possui o cunho de um soldado veterano, ocupado com os “detalhes ásperos da guerra”¹³: descreve o processo de passar da ordem de marcha para a ordem de batalha, a construção da formatura de batalha ou parada – que na nomenclatura da época era designado pela expressão “ordenar os esquadrões” — através de elaborados cálculos matemáticos ou com o auxílio de tabelas numéricas. Esta era, portanto, a matéria que ocupava os capitães como Battista della Valle, Diego de Salazar ou Francesco Mirandola¹⁴, outro capitão de Modena, que serviu o duque de Milão e mais tarde o duque de Urbino como soldado e diplomata.

Pouco se sabe da vida de Battista della Valle, mas dos escassos dados de que dispomos fica claro que a sua carreira foi construí-

¹³ QUATREFAGES René — *Los tercios españoles (1567-77)*. Madrid: Fundación Universitaria Espanola, 1979.

¹⁴ MIRANDOLA, *cit.*

da no plano operacional. Natural de Venafro (nascido talvez em 1470) em 1516 entrou ao serviço do duque de Urbino Francesco Maria Della Rovere, a quem tece um longo e significativo elogio no “libro 2” do seu tratado. O duque nomeou-o capitão da praça de San Leo (1519), que defendeu durante os três meses de assédio pelas tropas papais. Como vimos, publicou o seu livro em 1521, dedicado a Enrico Pandone, outro natural de Venafro, personagem controverso do início do século XVI. Combateu ainda sob as ordens de Carlos V na batalha de Pavia (1528) e dirigiu a fortificação de Gubbio (1538). Faleceu em 1550. Algumas breves linhas relativas ao mecenas do “Libro de Valo”.

Enrico Pandone, conde de Venafro (condado situado a Norte da região de Nápoles), era um dos mais afamados criadores de cavalos do Reino de Nápoles. O seu palácio possui a maior série de representações equinas de toda a Itália. Contemporâneo das movimentações políticas e militares durante a guerra de 1521-1526 (que teve o seu culminar na Batalha de Pavia, a 24 fevereiro 1525), foi, na mesma medida, protagonista e vítima da volatilidade das alianças que se estabeleceram e romperam. Em 1525 enfrentou a tropas ao serviço do rei francês Francisco I comandadas pelo duque de Albany, James Stewart, filho do rei Jaime II da Escócia. Esta participação foi recompensada pelo imperador Carlos V, que lhe juntou ao condado de Venafro o condado de Boiano. Dois anos depois, Enrico mudou de campo, à semelhança de Giovanni de Medici, e juntou-se aos franceses que em 1528 sitiaram Nápoles. Depois da derrota das tropas do visconde de Lautrec, Odet de Foix, Enrico foi capturado pelas tropas imperiais no seu castelo de Venafro, para ser enviado para Castelnuovo, onde foi decapitado. Tendo em consideração a traição de Enrico de Pandone, não deixa de ser curioso que as edições posteriores à data da execução do duque de Venafro tenham mantido a dedicatória do impresso original. O mesmo sucedeu na tradução portuguesa, da qual a seguir se falará.

Bibliografia

- ALBERTI, Leon Battista — *On the Art of Building in Ten Books*. Cambridge (Mass): MIT Press, 1988.
- ALMEIDA, Isidoro de — “Quarto livro das instruções militares”. In MORAIS, A. Faria de — “Arte Militar Quinhentista”. Sep. do 2º v. do *Boletim do Arquivo Histórico-Militar*, 1953.
- CHOAY, Françoise — *The rule and the Model. On the Theory of Architecture and Urbanism*. Cambridge (Mass): MIT press, 1997.
- COCKLE, Maurice — *A Bibliography of Military Books up to 1642*. London: Holland Press, 1978.
- DEL CHERSO, Francesco Patrizzi — *La militia romana di Polibio, di Tito Livio i di Dionigi Alicarnaseo ... non solo dar  altrui stupore de’suoi buoni ordini e disciplina, ma ancora in paragone far  chiaro quanto la moderna sai difettosa et imperfetta*. Ferrara, 1583.
- LONDOÑO, Sancho de — *Discurso sobre la forma de reducir la disciplina Militar a mejor y antiguo estado*. Madrid: Ministerio de Defensa, 1992.
- ESPINO LÓPEZ, A. — *Guerra y cultura em la época moderna. Lratadisticaca militar hispánica de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Ministerio de Defensa, 2001.
- MIRANDOLA, Francesco — *Opera chiamata pratica et esperienza del guerreggiare moderno*. Modena, 1544.
- MORA, Domenico — *Il soldato. Nel quale si tratta di tutto quello che ad un vero soldato et nobil cavaliere si conviene sapere et esercitare nel mestiere dell’arme*. Veneza, 1569.
- QUATREFAGES, Ren  — *Los tercios españoles (1567-77)*. Madrid: Fundación Universitaria Espanola, 1979.
- SOUSA, Luís Costa e — *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*. Lisboa: IESM, 2015.
- TARDUCCI, Achille — *Delle machiene et quartieri antiche et moderni come quelli da questi possono essere imitati senza punto alterar ela soldatesca de’nostri tempi....* Veneza, 1600.